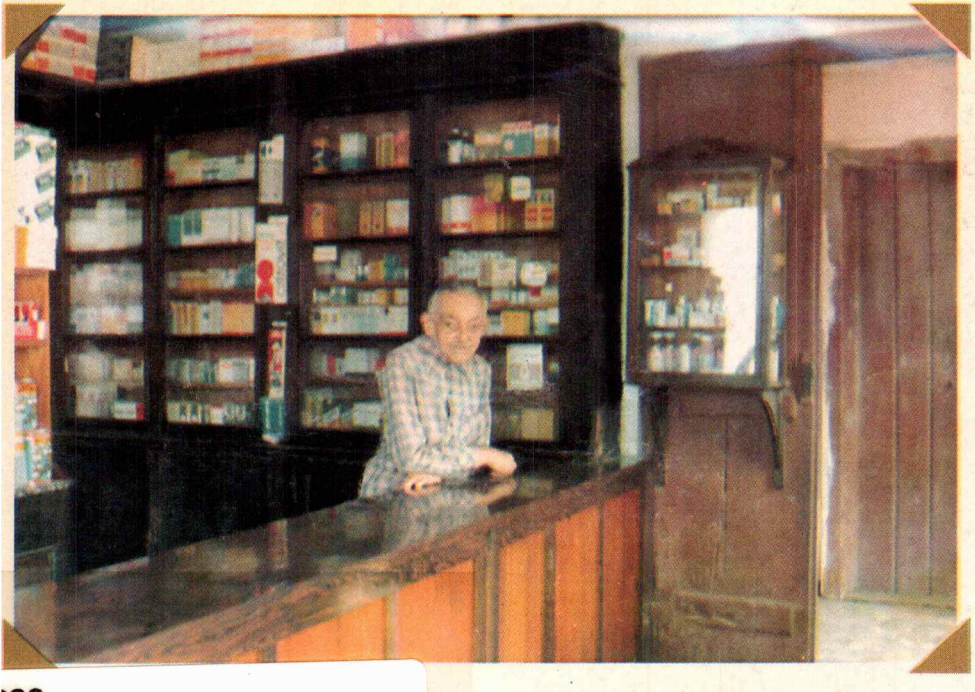
José Henrique Nogueira de Carvalho
(Da Academia Vianense de Letras)



929
C324o
2004 / Ex.01
F000147

le Carvalho

Uma Vida a Serviço de Viana

Foto: Ozimo na Farmácia Brasil - 1975

José Henrique Nogueira de Carvalho
(Da Academia Vianense de Letras)

FARP

Ozimo de Carvalho

Uma Vida a Serviço de Viana

(Patrono da Cadeira nº 19, da
Academia Vianense de Letras)

Edições AVL
São Luís (MA)
2004

RB 19.877
FARN
BIBLIOTECA
Nº Reg F000547
28.06.04
F
9Z9
C342e
2004
Ad.05

Apresentação

Na condição de filha mais velha, atualmente, de Ozimo de Carvalho – Patrono da Cadeira nº 19, da Academia Vianense de Letras –, fui convidada pelo autor desta biografia, para tecer algumas considerações sobre o meu querido e inesquecível pai. Confesso que fiquei deveras emocionada.

Ozimo de Carvalho foi para mim e meus irmãos, com certeza, a fonte onde bebemos de sua sabedoria os mais proveitosos e edificantes ensinamentos. Ele era uma pessoa que tinha um grande amor pelo estudo e pela pesquisa. Sua sede de novos conhecimentos era insaciável. Alimentava-se do amor à família, objeto maior de seu respeito e de sua veneração. Dedicado ao exercício diuturno da profissão de farmacêutico, a saúde dos pobres era uma de suas maiores preocupações. A política pôs-lhe à prova o exemplo de homem honrado e simples, cuja mais forte característica era a humildade. Sempre amigo do povo, jamais se afastou de sua terra natal, onde trabalhou até quando a fraqueza física o impossibilitou.

Neste trabalho, o autor discorre de forma minuciosa sobre Ozimo de Carvalho, essa pessoa tão marcante na vida dos familiares e dos conterrâneos.

Carmen Carvalho Gasparinho

Quis a sorte que eu adentrasse no templo da Academia Vianense de Letras para escrever a história da vida do farmacêutico ***Ozimo de Carvalho****, Patrono da Cadeira nº 19, o qual, durante 65 anos, se dedicou à saúde e ao bem-estar do povo de tão dadivosa e abençoada terra que o viu nascer e lhe serviu de túmulo.*

Trata-se de uma existência profícua, plena de realizações e êxitos, que deve ser exaltada como paradigma. Compraz-me a oportunidade de relembrar aspectos que testemunhei de convivência com seu quotidiano ou de que tomei conhecimento, durante meus inesquecíveis períodos de férias, no sobrado azul da rua Grande, esquina com a Cônego José Hemetério, em Viana.

A raiz da árvore genealógica da família medrou em Iguatu, uma cidade localizada no sertão sofrido do sul do Ceará, às margens do rio Jaguaribe, a montante de onde hoje se encontra o açude de Orós. Lá viveu Adriano Alves de Carvalho, nascido no final do século XVIII, cujos filhos, dos quais se tem notícia, eram Luiz e Deodato Alves de Carvalho . Em meados do século XIX, os dois irmãos, tangidos pela crônica seca nordestina, resolveram emigrar para o fértil Estado do Maranhão, utilizando jumentos como montaria e meio de transporte. Foram muitos meses de viagem, orientando-se pelas trilhas das boiadas, parando longos períodos para trabalhar, angariar recursos, recuperar animais e seguir caminho. Nessa jornada, atravessaram o Piauí, de leste a oeste, transpuseram o rio Parnaíba e, possivelmente, avançaram no território maranhense margeando o rio Itapecuru. Daí atingiram as margens dos rios Mearim, Pindaré e Maracu, alcançando o lago de Viana, onde já existia a cidade.

Deodato e Luiz, finalmente, chegaram ao rico oásis que almejavam. Havia peixes e caças em abundância, muitos lagos, florestas sem fim e pastos naturais para a criação de gado. Luiz seguiu em frente. Casou-se com Maria dos Remédios Costa de Carvalho, indo fixar-se em terras de Monção, que abrangiam Engenho Central, atual Pindaré-Mirim. Deodato teve filhos com Maria Thereza da Costa, sendo um deles Leonel Alves de Carvalho, nascido em Viana no dia 10 de outubro de 1854. Homem importante no município, detentor de poder político e econômico, pecuarista, dono da Fazenda Alto Lindo, logo se impôs na comunidade da qual viria a ser o 6º prefeito, de 1º de janeiro de 1913 a 31 de dezembro de 1915, por seus valores humanos de austeridade e respeito. Contraiu matrimônio, a 31 de janeiro de 1885, com Judith Leopoldina Freire Gomes, filha do lusitano, Joaquim Gomes, e de Leopoldina Freire Gomes, da sociedade caxiense. Judith era um repositório de bondade e tolerância, mas, ao mesmo tempo, mulher de fibra, convictamente religiosa, que sabia aliar o dever de esposa ao direito à sua independência pessoal.

Do casamento de Leonel e Judith, nasceram, em Viana, os oito filhos. Dentre os irmãos de Ozimo, Joaquim – o mais velho – faleceu com oito anos de idade. Raimundo Eustáquio (Sinhô), cedo revelou talento para o comércio e prosperou. Maria Leopoldina (Maroca), muito religiosa, mudou-se para São Luís onde se tornou normalista e exerceu o magistério. Raimunda Nonata (Yayá), – a filha que herdou da mãe o temperamento forte, a personalidade marcante –, casou e foi dona-de-casa. Clodoaldo (Dudu), logo se retirou para o Sul, onde fez carreira no Departamento de Correios e Telégrafos. Cipriano (Cici), mudou-se para a Capital e entrou para o Judiciário como escrivão do Cartório

do 2º Ofício do Cível e Crime e Privativo das Execuções Criminais. João – o caçula – de espírito mordaz e aguçado, fez política e esmerou-se na ciência do Direito e na prática da advocacia, em Viana.

Terceiro filho do casal, Ozimo nasceu a 8 de abril de 1890 e foi batizado pelo vigário da paróquia de Nossa Senhora da Conceição, padre Luiz Mariano de Barros, a 14 de dezembro do mesmo ano, tendo como padrinhos o tio, Abel Francisco da Costa, irmão de Leonel, e Justina Leopoldina de Carvalho.

Fez seus primeiros estudos no Colégio Antônio Rayol. Concluiu em São Luís, no Liceu Maranhense, no ano de 1907, o curso preparatório para a faculdade. Visando à realização de um sonho, seguiu para Salvador, onde iniciou o curso de Farmácia em 1908. Com apenas 20 anos de idade, no dia 7 de dezembro de 1910, recebeu o diploma de Farmacêutico, outorgado pela Faculdade de Medicina da Bahia, dirigida, então, pelo eminente médico, Dr. Augusto César Viana.

No ano seguinte, disposto a acompanhar a migração de milhares de brasileiros atraídos pelo ciclo da borracha e no intuito de iniciar vida profissional, partiu de Salvador para Manaus. Ali morou com a família da Sra. Erundina Lins, sua parenta, a qual veio a falecer vítima de terrível epidemia de febre tifóide que grassara na cidade.

Pouco tempo depois, em 1912, mudou-se para São Luís e se hospedou no mirante da quitanda do conterrâneo Messias, situada na rua dos Afogados; ali teve como companheiros seu irmão Clodoaldo de Carvalho

(Dudu) e os estudantes, Sálvio de Sousa Mendonça e Honório Bona, este último irmão do Dr. Antônio Bona, promotor público, em Viana. Na Capital, retomou o exercício da profissão até mudar-se, em definitivo, para a terra natal, onde inaugurou a Pharmacia Brazil, a 1º de julho de 1913, em sociedade com o, também, farmacêutico e particular amigo, João Victal de Matos, parceria desfeita poucos anos mais tarde.

Ozimo de Carvalho montou em seu estabelecimento um pequeno laboratório para manipulação de fórmulas próprias, com o aproveitamento de ervas, folhas e raízes de plantas da região. Aqueles que o conheceram ainda devem lembrar-se do Amargo Digestivo, contra males do estômago e do fígado, bem como do Necatol, vermífugo de ação eficaz. Em seu trabalho não discriminava ricos e pobres. Sua predileção, porém, era pelos menos favorecidos.

Em Viana raramente aparecia um médico e, na falta deste, o farmacêutico atendia à população. Quando, porém, chegava um esculápio, o boticário restringia o atendimento, limitando-se a socorrer os pacientes que exigissem sua presença. Havia, entretanto, uma peculiaridade: o vianense, de modo geral, não acatava o receituário do médico sem antes obter a aprovação do experiente farmacêutico.

Por muitos anos sua farmácia foi a única na cidade. Até que Isabel Serejo de Sousa, recém-formada em São Luís, inaugurou, também, a sua, e a primeira visita à receber foi a de Ozimo que viera prestar-lhe seu paternal apoio e oferecer-lhe os humildes préstimos. Era uma demonstração elegante e sincera de que a concorrência

FARN

entre eles não seria para dividir e sim para somar em benefício da coletividade, principalmente dos mais desassistidos. Quando Belinha Serejo, ainda acadêmica, manifestara a um professor a pretensão de instalar uma farmácia em Viana, fora por ele advertida de que ninguém fazia concorrência ao veterano farmacêutico. Ela, todavia, não se intimidou porque sabia, de antemão, que iria encontrar um concorrente leal. Acertou: as farmácias conviveram por muitos anos em completa harmonia. Era um exemplo de ética no comércio professado por Ozimo, do qual ele jamais se afastara.

A 12 de abril de 1913, tornou-se Capitão da Guarda Nacional da Comarca de Viana, título outorgado pela 3º Delegacia da Comissão de Organização das Forças de 2º Linha, do Ministério da Guerra, somente a pessoa de ilibada conduta, comprometida com a defesa da Pátria e identificada com os lídimos ideais republicanos e democráticos.

Em 1914, obteve dos presidentes da Junta de Recursos e da Comissão de Alistamento seu primeiro título de eleitor, o de número 96, da 5ª Seção Eleitoral do Município de Viana. No alistamento geral do Estado do Maranhão, foi o título nº 916. Quatro anos mais tarde, em 1918, a Justiça Eleitoral determinou a realização de novo alistamento. Desta vez Ozimo recebeu o de número 285. Na revisão eleitoral seguinte, a ele foi entregue o título nº 1, datado de 22 de março de 1933. Foi, portanto, um dos primeiros a exercer o direito à cidadania por meio do voto.

Em 1915, incentivou seu pai – Leonel Alves de Carvalho –, então prefeito da cidade, a adquirir uma coleção completa de 24 volumes da Biblioteca Internacional

de Obras Célebres, com os quais foi inaugurada a Biblioteca Municipal de Viana, a 31 de dezembro do mesmo ano. Foi o último ato administrativo daquele mandatário, que deixou provido de regulamento próprio a casa de leitura recém-instalada e nomeada comissão para dirigi-la, da qual faziam parte Ozimo, o maestro Amâncio de Aquino e outro. Anos depois, aquela instituição pública chegou a possuir um acervo de quase 400 volumes, recebidos do Instituto Nacional do Livro e de doações de particulares, até que, no final do ano 1961, o prefeito encerrou as atividades da biblioteca. Tal fato levou Ozimo a escrever uma lamentosa carta, datada de 19 de dezembro daquele ano, ao seu dileto amigo e prefeito da vizinha Pinheiro, Des. Elizabeto Carvalho, que a publicou, no dia 21 de janeiro de 1962, no jornal Cidade de Pinheiro, do qual era Diretor, expressando o seu inconformismo e a sua indisfarçável mágoa ante a brutal agressão cometida à cultura vianense.

Aos 26 anos, no dia 16 de dezembro de 1916, casou-se, no civil, com Florita Georzila da Cunha, filha de Mariano Augusto da Cunha e Isaura Mendes da Cunha, e, no religioso, a 4 de janeiro do ano seguinte, sendo oficiante da cerimônia o cônego Álvaro Lima. Da feliz união nasceram, em Viana os filhos: Maria Celeste, Isaura, Carmen, Helena, Judith, Ester, Durval, Dulcídio e Geraldo, os quais lhe deram 6 genros e 3 noras. Seus descendentes perfizeram, até hoje, um total de 90, distribuídos em 9 filhos, 30 netos, 46 bisnetos e 5 trinetos.

Em 1919, Ozimo sofreu seu primeiro grande golpe de consternação com a morte do pai, no dia 1º de fevereiro, aos 64 anos, de doença de origem desconhecida e, por isso, considerada incurável, fato que o deixou triste

e desapontado, diante da escassez de recursos da ciência de seu tempo. Jovem que era, logo reagiu à adversidade e continuou seu mister na farmácia, no atendimento da comunidade.

A 12 de agosto de 1924 adquiriu, dos herdeiros do seu irmão, Raimundo Eustáquio Alves de Carvalho, o sobrado da rua Grande, esquina com a Cônego José Hemetério, no chamado Canto Grande, pela quantia de 4.000$000 (quatro contos de réis). Mudou a farmácia para o térreo e estabeleceu a residência da família no andar superior. Em nome da verdade, vale registrar para conhecimento das gerações vindouras, que, após a morte de Ozimo, aquele imóvel foi comprado pelo Executivo Municipal a fim de, em seu lugar, erigir-se um hotel. Ignorando os valores cultural e arquitetônico que ele representava por sua construção sesquicentenária, datada do ano de 1835, sua excelência, o senhor prefeito Walber Duailibe, iconoclasticamente, demoliu, em 1987, aquele casarão histórico, no qual a sociedade vianense se reunira, nos tempos do Império, para homenagear o então Barão de Caxias – Luiz Alves de Lima e Silva, – o Pacificador da Balaiada. Ao final, consumado esse autêntico holocausto sobre o patrimônio cultural da cidade, simploriamente desprezou-se o plano de construção no terreno do prédio destruído e o hotel foi edificado em outro local, na praça da Matriz. Daquele sobrado restam um chão vazio e uma esmaecida fotografia de um passado imortalizado pela glória de sua época, todavia, posto por terra por uma gestão perversa, estigmatizada pelo labéu do vandalismo. Como conseqüência dessa barbárie perpetrada contra o patrimônio histórico, o Governo do Estado, acatando denúncia da comunidade, baixou o Decreto nº 10899, datado de 17 de outubro de 1988, que dispõe sobre o tombamento do centro histórico, arquitetônico e paisagístico de Viana.

Na política, foi o 9º prefeito da cidade após a Proclamação da República, de 1° de janeiro de 1921 a 31 de dezembro de 1924, e, também, o 34º, mandato este exercido em caráter de interinidade, de 1º de fevereiro a 7 de setembro de 1956. Foi vereador em várias legislaturas e presidente da Câmara.

Numa de suas gestões à frente do Legislativo de sua cidade, Ozimo encomendara ao renomado artista ludovicense, Telésforo de Moraes Rêgo, e, concomitantemente, ao talentoso pintor vianense, Nilton Salgado de Aquino, a criação de um escudo que simbolizasse as heróicas e vitoriosas lutas travadas em solo do município ao longo dos tempos. O prefeito Luís de Almeida Couto, autorizado pelo art. 284, da Lei nº 19, de 7 de setembro de 1949, instituiu, por decreto especial, o escudo do município, oficializando o primoroso trabalho do exímio artista conterrâneo.

Viana sempre foi uma cidade vocacionada para a atividade jornalística. Assim, os primeiros jornais a serem editados na segunda metade do século XIX foram: A Ordem, A Reforma, Actualidade e O Vianense. Foi esse um período de fecunda produção periodística local. Mais tarde, já no século XX, outras publicações circularam na Cidade dos Lagos, dentre as quais destacamos as de maior penetração no seio da população: A Imprensa, órgão dirigido pelos Drs. Francisco Xavier dos Reis Lisboa Filho – juiz de Direito –, Raul Soares Pereira – juiz municipal – e Antônio Bona – promotor público; A Época, de Ozimo de Carvalho; A Cruzada, de Manuel Trajano Rodrigues; e A Centelha, de Raimundo Nonato Travassos Furtado e José Salgado de Aquino.

Isto posto, na Capital a disputa acirrada pelo Poder no Estado polarizava a classe política nos municípios maranhenses, em torno dos líderes magalhãezistas, *do Partido Republicano, situacionista, representado por José Maria Magalhães de Almeida, bem como dos* marcelinistas, *do mesmo partido, porém, da ala de oposicão, seguidores de Marcelino Rodrigues Machado. Em Viana, os partidários das duas correntes careciam de um meio de comunicação com as massas para polemizar em defesa de suas idéias. Nesse tempo, Ozimo preocupado com o isolamento do cidadão vianense, fundou e custeou, com recursos próprios, o semanário A Época, que começou a circular em 6 de janeiro de 1929. O segundo objetivo era manter informada a sociedade local sobre os acontecimentos políticos e econômicos ocorridos no Maranhão e no País. Foram 117 edições. A última saiu às ruas a 12 de abril de 1931, para tristeza daqueles que já se haviam habituado a acompanhar o desenrolar da vida lá fora pelas notícias que a gazeta lhes trazia. Durante todo esse tempo, A Época deixou de circular somente nos dias 16 e 23 de novembro de 1930, em nome da tranqüilidade pública, por ordem do capitão Domingos Bento da Silva, prefeito revolucionário, sob a alegação de que um grupo de exaltados enfurecidos contra a opinião externada por um colaborador, no artigo "Os Coherentes", publicado na primeira página da edição nº 97, do dia 9 do mesmo mês, o qual usava o pseudônimo de "Observador", se dispunha a empastelar e depredar a oficina do jornal. Em face de estarem suspensas as garantias constitucionais, com a deposição do presidente Washington Luiz Pereira de Souza e a ascensão de Getúlio Dornelles Vargas ao Poder, a 1º de novembro de 1930, a medida foi acatada pela direção do semanário.*

Generoso a não medir sacrifício em favor dos pobres, Ozimo era, entretanto, intransigente com aqueles

que, embora abastados, se omitiam no pagamento de suas compras na farmácia e relaxavam nos compromissos. Se, por um lado, perdoava, de mão aberta, aos necessitados, por outro, a esses fregueses relapsos e devedores contumazes – que, não obstante ter condições financeiras para saldar o fiado obtido, se mantinham inadimplentes por mera ou dolosa negligência – Ozimo fazia publicar nas colunas de seu periódico, candentes avisos como este da página 4, na edição nº 102, de 28 de dezembro de 1930, transcrito em parte:

> "Aos nossos devedores em atraso convidamos a liquidarem os seus débitos dentro de 30 dias, sob pena de, findo este prazo, ser cortado a muitos deles (NÃO A TODOS) o fornecimento de medicamento a prazo.
>
> ...
>
> "Aqueles que souberem da inclusão de seu nome na LISTA NEGRA, ficam também sabendo que só nos poderão comprar à vista."

Como prova da seriedade de seus atos e como garantia de imparcialidade na condução dos trabalhos das reuniões de rivais times de futebol, Ozimo foi eleito vice-presidente da Assembléia Geral do Dom Francisco Sport Club e, ao mesmo tempo, presidente da Assembléia Geral do Sport Club Democrata, para o exercício do ano de 1931, conforme era usual na época.

Estudioso, lia de tudo até mesmo aquilo que não dissesse respeito diretamente a sua área de conhecimento e atuação. Assim, mantinha, em uma estante da farmácia, duas coleções de livros de Direito Civil e de

Processo Civil, a fim de poder orientar as pessoas humildes a reivindicarem seus direitos como cidadãos.

Homem de caráter, com estrutura moral inabalável e fortes convicções políticas e religiosas, dentro de princípios democráticos e de ensinamentos cristãos, encontrou no trabalho seu estilo de vida e sua maneira de ser. Afeito a desafios, aceitou, com outros negociantes, aquele que foi um dos marcos de sua vida pública: a fundação da Associação Comercial, Agrícola e Industrial de Viana, em 29 de novembro de 1944, agremiação destinada a aglutinar forças no seio da classe empresarial, como forma de elevar a representatividade, frente aos dirigentes de órgãos públicos, na busca de realização de projetos de interesse da categoria.

Em 25 de janeiro de 1952, Ozimo sofreu outro grande abalo em sua vida particular: o falecimento, em São Luís, de sua inesquecível genitora, Judith. Mais uma vez, não se deixou abater pelo infortúnio. Aparou o golpe e reagiu com mestria. Continuou com vigor e intensidade seu trabalho de pesquisa, iniciado havia alguns anos, das coisas da natureza e do homem de seu torrão natal, como forma de liberar a saudade que o amargurava.

Sua vocação para a Botânica levava-o a colher, nos matos e campos, amostras de espécies vegetais, muitas ainda desconhecidas dos cientistas, e, para classificação, as enviava ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro, com o qual mantinha freqüente intercâmbio. De outras vezes, fazia a desidratação das plantas colhidas, anexava informações sobre o uso delas na medicina caseira e as remetia ao, ora extinto, Horto Oswaldo Cruz do Instituto Butantã ou para a Seção de Botânica do Museu Paulista,

onde eram feitas análises bromatológicas e a classificação botânica.

Com este labor, acrescido de outros não menos importantes, referentes a fauna, recursos hídricos, solo, clima, criação de gado, pesca, babaçu, lavoura e meios de transporte, culminando com o estudo étnico do homem de Viana, progênie das três raças – do branco português, do índio guajajara e do negro retinto, procedente de diversas zonas africanas –, Ozimo enriqueceu o Retrato de um Município, *livro de sua autoria, que mais parece uma enciclopédia, não pelo volume físico, mas pela opulência do conteúdo, como pouco se tem elaborado sobre a gleba vianense. Com esta publicação do ano de 1958, o autor prestou considerável contribuição à História e aos estudiosos dos tempos subseqüentes, ao mesmo passo em que homenageava a cidade pelo bicentenário da transformação oficial da Aldeia de Nossa Senhora da Conceição de Maracu, dos índios Guajajara, em Vila de Viana, ocorrida em 8 de julho de 1757, por ato do Governador da Capitania do Maranhão, Gonçalo Pereira Lobato e Souza. Quase um século mais tarde, a 30 de junho de 1855, a antiga vila foi elevada à categoria de cidade, pela Lei Provincial nº 377.*

A 1º de março de 1962, Ozimo de Carvalho filiou-se ao Conselho Regional de Farmácia, Seção do Maranhão, recebendo o registro nº 37. Na ocasião, como parte obrigatória da inscrição no Conselho, prestou o compromisso de praxe:

> "Prometo cumprir com zelo, escrúpulo e humanidade todos os deveres inerentes às atividades farmacêuticas, previstas nos termos da Lei nº 3.820, de 11 de novembro de 1960."

Nesse mesmo ano, precisamente no dia 13 de março, foi-lhe expedida a Carteira de Identidade nº 51.163, pelo Instituto de Identificação e Médico Legal do Estado do Maranhão.

Seis anos depois, a 28 de novembro de 1968, mais uma vez o infortúnio desabou sobre o lar de Ozimo: sua adorada e inseparável Florita falecia aos 70 anos de idade, deixando-o combalido pelo peso de tão dorida separação. O respeito, o amor e a dedicação que teve por sua amada esposa, ao longo de 52 anos de feliz convivência, ele sintetizou na lacônica frase que mandara lapidar no mármore da sepultura dela:

"Cumpriste fielmente o dever que Deus te confiou."

Numa demonstração de respeito e admiração, a Gazeta da Farmácia, na edição de abril de 1977, na seção "O Farmacêutico do Mês", publicou a matéria intitulada "O Farmacêutico mais antigo do Maranhão", sobre a atividade empresarial do homenageado, ao completar ele 64 anos de efetivo exercício em sua Farmácia Brasil, em Viana, em prol da comunidade. Para encerrar a matéria, a revista assim se manifesta:

> "...O Dr. Ozimo de Carvalho representa com sua honradez e com seu trabalho o verdadeiro profissional de Farmácia. Ao formar-se, fê-lo por vocação, o que comprovam esses anos de incansável labor à frente de seu estabelecimento comercial.
> Temos muito prazer em homenagear em nossas páginas a figura do ilustre farmacêutico, digno representante da profissão."

Após a morte de Florita, Ozimo tornou-se um homem retraído e pouco afeito ao diálogo, não obstante sua lucidez. Dedicava-se mais a observar do que a comentar. Iniciava-se, então, o declínio de sua profícua existência. Assim, a 8 de setembro de 1978, sábado, faleceu em Viana, aos 88 anos de idade, no aconchego familiar de filhos, netos e amigos fiéis. Sepultou-se no cemitério municipal Campo Santo São Sebastião, ao lado da esposa.

Como reconhecimento aos relevantes serviços prestados à comunidade, à qual se dedicara com amor e dignidade, a Câmara Municipal, cumprindo o dever de legítima representante do povo vianense, aprovou, por unanimidade, o Projeto de Lei nº 06/79, autorizando o Poder Executivo a alterar a denominação da praça 8 de Julho para Farmacêutico Ozimo de Carvalho e a erigir-lhe busto, o qual foi feito em bronze e erguido sobre pedestal de mármore, na gestão de sua excelência, o senhor prefeito Batista Luzardo Pinheiro Barros, cuja inauguração ocorreu a 21 de setembro de 1980, com o descerramento de placa contendo os seguintes dizeres:

OZIMO DE CARVALHO

Nasceu: 8-4-1890 – Faleceu: 8-9-1978
Formou-se na Faculdade da Bahia, em 1910
Foi: Escritor – Vereador
Prefeito de Viana
Pres. da Assoc. Comercial
Membro da Guarda Nacional
Adm. Batista Luzardo P. Barros
21-09-80

FARN

Estes são relatos de pessoas que conheceram e testemunharam a honradez do político, a ética do comerciante, o idealismo do jornalista, o sacerdócio do farmacêutico, a competência do profissional, a ansiedade do pesquisador, a fidelidade do historiógrafo, a humildade do cientista, a força do caráter, a transparência das atitudes, a ternura do pai de família e a limpidez da vida do homem que se chamou Ozimo de Carvalho, dedicado a Viana como um cidadão que respeita, venera e defende a Pátria em qualquer circunstância, exemplo imorredouro de amor ao próximo e à terra-berço.

A Academia Vianense de Letras prestou, também, justa e merecida homenagem ao ilustre farmacêutico conterrâneo, ao escolher Ozimo de Carvalho para dignificar a Cadeira nº 19 daquele sodalício e, ao mesmo tempo, elevar bem alto o nome deste luminar da História de Viana. Como prova, mandou cunhar e afixar, no pedestal que sustenta o seu busto, placa com a mensagem:

A Academia Vianense de Letras, fundada em 4 de maio de 2002, homenageia o ilustre vianense, o farmacêutico

OZIMO DE CARVALHO,

Patrono da Cadeira nº 19.
Viana, 21 de maio de 2004.

BIBLIOGRAFIA

Carvalho, Geraldo Cunha – Relato de uma Vida, de 08.04.1990.

Carvalho, Ozimo de – Semanário A Época, nº 102, de 28.12.1930, e nº 104, de 11.01.1931; jornal Cidade de Pinheiro, edição de 21.01.1962.

Gazeta da Farmácia – Seção O Farmacêutico do Mês, edição de abril de 1977.

Furtado, Raimundo Nonato Travassos – Minha Vida, Minha Luta, pág. 163; Belo Horizonte (MG) – Editora São Vicente, 1977.

Gaspar, Carlos Thadeu Pinheiro – Jornal O Imparcial, edição de 21.09.1997.

Sauaia, Wady – Jornal O Imparcial, seção Opinião, pág.4, edição de 24.09.1978.

Sousa, Lourival de Jesus Serejo – Jornal O Imparcial , 1990.



Sobrado edificado em 1835, em Viana, por Manuel Antônio de Sou
Na sua estrutura foram usados: pedra, barro, cal, óleo de mamona
madeiras da região. Situava-se no Canto Grande, no cruzamento das ruas Grand
Cônego José Hemetério. Desde 1924 nele funcionou a Farmácia Brasil e a residên
de Ozimo de Carvalho e família. Adquirido pela Prefeitura Municipal em 19
foi, em seguida, demolido para, no local, erigir-se um hotel, que não foi constru
Da sesquicentenária construção restam, apenas, esta fotograf
a grade [illegible] a inscrição das iniciais
seu co[illegible]ontra em poder de particula
a sauda[illegible]ários e a lembrança dos faus
tempos q[illegible]ômico e cultural do Estado.

F000147